

PROFESSORA COM DEFICIÊNCIA

ensina inclusão e dá exemplo de superação

AMPUTADA HÁ CINCO ANOS, WIVIANE FERREIRA, FUNDADORA DO PROGRAMA "VIVA ÀS DIFERENÇAS", RECONHECE A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE: "A INCLUSÃO COMEÇA A PARTIR DO MOMENTO EM QUE ELES ME ACEITAM COMO PROFESSORA"



Mais do que ensinar que deficiência não precisa ser limitadora, a professora Wiviane Ferreira [CREF 001076-G/AM] mostra com exemplos aos seus alunos. Amputada há cinco anos, a profissional não apenas é a prova de que é extremamente possível exercer sua profissão quando se tem uma deficiência, mas também fazê-la com excelência. Wiviane é professora de Educação Física Escolar da Prefeitura de Manaus (AM) e fundadora do "Viva às Diferenças". O programa é administrado pela Subsecretaria Municipal de Esportes e atende, originalmente, cerca de 150 crianças, número que foi reduzido devido à pandemia.

Os alunos recebem aulas de natação, vôlei sentado, circuito motor, entre outras modalidades, ofertadas em Centros de Esporte e Lazer da cidade. E o grupo é bastante diversificado. "Tenho alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), síndrome de Down e outras deficiências. Eles são agitados, mas consegui juntar o amor ao esporte à minha vontade de fazer a diferença na vida dessas pessoas. Aprendi a tratá-los da mesma forma e com o mesmo respeito que gostaria de receber".

Sua experiência de vida contribui para o trabalho. A deficiência de Wiviane veio no ano de sua formatura da graduação. Após receber o diagnóstico de melanoma, descobriu que precisaria ter uma de suas pernas amputadas. Neste momento, ela chegou a questionar se seria capaz de seguir adiante. “Veio a dúvida: será que eu iria conseguir?”. Mesmo com medo, Wiviane foi firme: “O médico me ofereceu a aposentadoria e eu recusei”.



Ainda bem que recusou. “Desde nova eu já trabalhava em escola. Fui adquirindo mais conhecimento, trocando experiências e, com a amputação, ainda consegui mostrar aos meus alunos o que um Profissional de Educação Física com uma deficiência é capaz de fazer. Isso tudo acabou sendo um impulso para que eu continuasse ministrando aula. Ao me verem como profissional, eles enxergam que, além da deficiência, a vida continua. E que nós podemos trabalhar em diversos locais, ter diversas profissões. A deficiência não pode ser uma barreira”.

Foi um impulso também para que Wiviane se multiplicasse. Ela, que também é docente do Ensino Superior, faz questão de compartilhar sua habilidade e formar professores tão competentes quanto ela no quesito inclusão: “Acredito que minha história sirva de inspiração principalmente para os acadêmicos que estão em formação. Eu sempre tento explicar a eles a forma de lidar com uma Pessoa com Deficiência, como tratá-la, como ministrar Educação Física para ela. Acredito que, vendo a minha condição, os alunos se inspirem a se tornar profissionais ainda mais completos”.

O que, segundo ela, ainda não é uma realidade. Wiviane explica que a inclusão é, muitas vezes, trabalhada de forma equivocada, se tornando muito mais uma segregação do que uma inclusão, de fato. “Por incluir, entendemos: adicionar pessoas a um grupo. Mas será que isso realmente acontece? Será que as pessoas estão realmente sendo incluídas, ou será que está havendo uma separação? Pessoas com deficiência ficam de um lado e pessoas sem deficiência ficam de outro. Não é assim que a gente trabalha a inclusão”, explica.

“Ao me verem como profissional, eles enxergam que, além da deficiência, a vida continua. E que nós podemos trabalhar em diversos locais, ter diversas profissões. A deficiência não pode ser uma barreira”

Os Profissionais de Educação Física têm a capacidade de promover a interação entre pessoas com e sem deficiência. E aí sim trabalhar a verdadeira inclusão, como explica a professora. “Ouvimos muito falar que determinada escola trabalha a inclusão, mas na realidade, o aluno com deficiência é removido da sala de aula e levado a desenvolver uma atividade à parte. Não é assim que funciona”.

Na verdade, o caminho é outro, como defende a professora: “Nós podemos colocar aquele aluno da cadeira de rodas para jogar o vôlei, dentro das condições dele. Totalmente diferente de colocá-lo para ‘participar’ da minha aula como meu ajudante. Não é isso. Ele tem que, de fato, participar da aula. O professor tem que se preocupar em fazer o planejamento da sua aula incluindo aquele aluno com deficiência. Ele não pode ficar à parte, ele tem que fazer parte da aula”.



Por isso mesmo, ela garante que seus alunos da graduação tenham a vivência na prática. “Levo PCDs até eles, mostro como tratá-las. Se for amputado, qual modalidade esportiva ele pode jogar, qual a forma correta de lidar. Isso vai criando no aluno, que futuramente será um professor, a empatia. Já desperta nele a vontade de aprender. Isso para mim é bem gratificante, porque percebe-se que eles começam a se preocupar e a ter diversos cuidados: Será que devo chamá-lo assim? Será que eu devo tratá-lo assim? Em que modalidade esportiva ele se encaixa? O que ele pode fazer?”

Mais do que o conteúdo técnico da Educação Física, a professora ensina uma verdadeira lição de vida. “A inclusão começa a partir do momento em que eles me aceitam como professora. Não existe aquele olhar de ‘Coitada, perdeu a perna’. Eu tento mostrar para eles que apesar da amputação, a vida continua. Os desafios existem para serem superados. E isso independente de ser ou não deficiente. Desde 2006, quando passei pela amputação, nunca sofri nenhum preconceito dos meus alunos. Muito pelo contrário: sempre fui bem acolhida por eles. A partir do momento em que eles me veem como professora, eles começam a ter o respeito a mim e às demais pessoas com deficiência”.

E os benefícios da atividade física são nítidos. “Recebemos alunos com diversas deficiências, sendo o autismo o caso com mais procura. Chegam crianças com 4 anos de idade já com laudo fechado, com comportamento de morder, algumas não se comunicam verbalmente, há as estereotípias. Gradativamente, percebemos a mudança de comportamento que a atividade física proporciona àquela criança. Uma aluna com autismo, Isabella (nome fictício para preservar a identidade), chegou com 4 anos, ela mordida, batia, gritava, não queria participar da aula de jeito nenhum”.

Aos poucos, a situação foi mudando: “No primeiro dia ela gritou, mordeu, bateu, e o pai a levou de volta para casa. No dia seguinte, a mesma coisa. No quarto dia, ela entrava na quadra, ficava só olhando, não fazia a atividade e ia embora para casa. Aos poucos, Isabella foi criando confiança, por mais que não ficasse por muito tempo, ela brincava e depois ia embora”.

Era literalmente uma superação por dia, como lembra Wiviane. “Hoje em dia, Isabella é outra criança. Na semana passada ela disse para mim: ‘Eu não gosto de faltar, eu gosto muito de vir para cá, Wivi’. A gente percebe que com ela foi um trabalho de superação: ela enfrentou as fobias do autismo, uma grande superação. A família também foi fundamental, o pai dela nunca desistiu. Levava a filha, chegava lá e ela só gritava, mas ele foi persistente e ela continua no programa até hoje. Isabella já tem 8 anos de idade e é um grande exemplo para nós”, comemora. Isabella é mais uma aluna que aprendeu com o exemplo da professora Wiviane, que a deficiência não precisa ser limitadora.



“O professor tem que se preocupar em fazer o planejamento da sua aula incluindo aquele aluno com deficiência. Ele não pode ficar à parte, ele tem que fazer parte da aula”